

No plano econômico, os problemas ligados às dívidas interna e externa do País dominaram a entrevista coletiva ontem concedida à imprensa pelo presidente eleito Fernando Collor de Mello. Não revelou novidades quanto aos métodos de que lançará mão para enfrentar tais questões, externando todavia sua firme intenção de agir com grande cautela e realismo.

Percebeu-se que no tocante à dívida externa o futuro presidente muito evoluiu desde a campanha eleitoral. Manteve o princípio básico: o pesado encargo não poderá constituir um obstáculo à retomada do desenvolvimento, que continua prioritário. Contudo, a partir dessa premissa, existem numerosas opções, a ser certamente consideradas pelo sr. Collor de Mello.

O que nos parece importante nesse contato que manteve com a imprensa é a divulgação da atitude que pretende assumir na sua viagem em torno do Mundo. Não tenciona apresentar desde logo soluções para o problema da dívida externa, preferindo, antes de tudo, conhecer os interlocutores com os

quais, logo após a posse, seus representantes — ou mesmo ele — terão de negociar. Deseja essencialmente, nesta tournê, ouvi-los e inteirar-se dos seus pontos de vista e de suas reações diante da divulgação das grandes linhas da política de reajuste que pensa promover. Há que reconhecer que ao adotar tal atitude mostra-se o presidente eleito mais realista do que o candidato. Parece ter-se convencido de que uma negociação exige o reconhecimento de poder o credor não apenas receber sugestões do devedor mas também apresentar soluções que mereçam estudo. É lícito supor que, neste sentido, as informações fornecidas ao sr. Collor de Mello pela "gentil pessoa do sr. Mulford" foram úteis, levando-o a crer que os Estados Unidos e outros credores podem oferecer soluções novas.

Na sua entrevista, deixou bem clara o novo mandatário sua intenção de abrir ao capital estrangeiro nossa economia dentro de regras preestabelecidas, o que permite pensar que uma das soluções para o problema da dívida externa será a con-

versão desta em capital de risco. Ao seu regresso ao País, disporá o presidente eleito de maiores informações para estabelecer as regras de uma renegociação que, há algumas semanas, parecia submeter-se à rigidez. Outra preocupação do sr. Fernando Collor de Mello, no seu encontro com a imprensa, foi a de desmistificar a questão da dívida interna. "O problema não está no tamanho da dívida interna — esclareceu —, mas está, sim, no seu perfil." Sem pronunciar a palavra "calote", o futuro presidente deu a entender, claramente, que não tenciona, para modificar esse perfil, recorrer a medidas unilaterais, tomadas de cima para baixo. Segundo sua própria expressão, a solução será encontrada "dentro do próprio mercado".

Se em outra parte da sua entrevista mostrou-se um tanto cético quanto aos mecanismos do mercado, revelou que no tocante à dívida interna pretende respeitá-los, por saber que quem os desafia logo terá de se arrepender. Está o sr. Collor de Mello consciente de que o volume da dívida interna pode perfeitamente ser administrado,

desde que as autoridades monetárias não se vejam na obrigação de agravá-la. O problema — ao que pensa — não se situa nessa dívida, mas no déficit público que o futuro governo terá de eliminar ou, pelo menos, reduzir. Não se estendeu muito quanto às medidas que tenciona tomar para atingir o objetivo almejado, mas deixou bem claro que não recorrerá a uma elevação da carga tributária — o que atinge os assalariados — mas antes de tudo à redução das despesas. Esperamos que tal compromisso seja respeitado e que, dentro das contenções de um orçamento que não elaborou, possa o futuro governo reduzir dispendios que não dependam apenas do serviço da dívida externa.

Em várias oportunidades, na sua entrevista com a imprensa, reiterou o novo mandatário que ele próprio assumirá a condução e a responsabilidade da política econômica. Assim, pelo menos, saberá a Nação a quem se queixar, não tendo talvez, neste contexto, a escolha do ministro da Economia a importância que se lhe quer atribuir...